

A DISTRIBUIÇÃO E O USO DOS DIMINUTIVOS –INHO E –ZINHO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM PELA FONOLOGIA DE USO

ARTIGO

Maria Fernanda M. Barbosa*

Myrian Azevedo de Freitas**

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a distribuição e o uso dos sufixos diminutivos –inho e –zinho por falantes do Português Brasileiro, visando sobretudo à interface morfologia/fonologia, com o apoio dos pressupostos da Fonologia de Uso (BYBEE, 2001).

* Universidade Federal do Rio de Janeiro

** Universidade Federal do Rio de Janeiro

Palavras-chave: Sufixos –inho e –zinho; Formação de palavras; Diminutivo; Fonologia de Uso.

Introdução

O presente artigo realiza um estudo sobre as formações diminutivas X–inho(a) e X–zinho(a), por falantes do Português Brasileiro (doravante PB), aferindo suas respectivas frequências de uso, bem como a probabilidade de aplicação de ambas as formas diminutivas diante de seus contextos de uso mais prototípicos no PB. Mais especificamente, este trabalho pretende estudar a distribuição e o uso dos referidos sufixos diminutivos, visando sobretudo à interface morfologia/fonologia, com o apoio dos

pressupostos da Fonologia de Uso (BYBEE, 2001).

O texto apresenta-se estruturado da seguinte maneira: na seção I, apresentamos as principais descrições acerca da distribuição das formas –inho e –zinho na língua portuguesa. Na seção II, temos os pressupostos da Fonologia de Uso. Na seção III, descrevemos os corpora analisados, informando a metodologia empregada na coleta de dados. Na seção IV, empreendemos um estudo aprofundado das variáveis extraídas dos *corpora* em análise. Na seção seguinte, aferimos as frequências de *type* e de *token*, proposto por Bybee



(2001). Por fim, apresentamos as considerações finais.

O diminutivo e suas interpretações

Muito já foi discutido sobre o *status* do grau diminutivo bem como as suas várias interpretações ao longo dos tempos. Assim, a seguir, serão descritos as considerações de alguns autores acerca diversas análises relacionadas a distribuição das formas –inho e –zinho sem a pretensão de esgotar a documentação existente.

Na perspectiva da gramática histórica, Freire (1842), em Reflexões sobre a Língua Portuguesa, ressalta a noção dimensional dos diminutivos e apresenta informações sobre duas formas vigentes na língua portuguesa, –inho e –zinho. O autor afirma que o emprego de –zinho só ocorre para evitar o hiato ou quando o vocábulo termina em consoante, considerando a existência de dois sufixos diminutivos distintos. Note-se que Freire (1842), apesar de identificar os contextos morfológicos de ocorrência de –inho e –zinho, também admite que a alternância entre os diminutivos ocorre para uma mesma palavra sem motivação aparente como nos pares peixinho/peixezinho e pobrinho/pobrezinho, por exemplo.

Para Skorge (1957), os diminutivos –inho e –ito são os sufixos mais empregados e mais expressivos do português. A autora assinala que as regras para determinar a ocorrência de –inho ou –zinho são escassas e não apresentam respostas satisfatórias. No entanto, ao delimitar a distribuição de –inho e –zinho, Skorge (1957) afirma que somente os substantivos monossílabos admitem a forma –zinho. Nas demais classes de palavras, ocorrem flutuações que admitem ora –inho ora –zinho, alternando-se de acordo com a ‘vontade do falante’.

Nas gramáticas normativas, o diminutivo é comumente tratado no âmbito de grau nominal (CEGALLA, 1981; MACEDO, 1979; CUNHA & CINTRA, 1985). Geralmente, os diminutivos são associados ao significado dimensivo de “X é pequeno”. Assim, como assinala Cegalla (1981, p. 94) “o grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres”, salientando que “o grau diminutivo exprime um ser com seu tamanho normal diminuído.” (CEGALLA, 1981, p.94).

Segundo Bechara (2009), os sufixos diminutivos –inho e –zinho





apresentam uma distribuição regular, conforme o final da palavra base. Assim, o autor apresenta três regras: (a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuances de sentido contextuais: *corpo* → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinhha/florzinha*; *mulher* → *mulherinha*; (b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito*, etc.); *boné* → *bonezinho*; *siri* → *sirizinho*; *álbum* → *alburnzinho*; *bem* → *benzinho*; *raio* → *raiozinho*. Com *-zinho* evitam-se os hiatos do tipo *irmãzinha*, *raioito*, etc; e (c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: *lapisinho* (*lápiz + inho*), *cuscuquinho* (*cuscu + inho*), *rapazinho* (*rapaz + inho*), *cartazinho* (*cartaz + inho*), exatamente como escrevemos *lapiseira* (*lápiz + eira*), *lapisar* (*lápiz + ar*), *lapisada* (*lápiz + ada*), etc. (BECHARA, 2009, p.127).

Bechara (2009) acrescenta ainda que é possível ocorrer oposições léxicas e fonológicas, uma vez que se mantém o acento da palavra base, apresentando

exemplos como *cartazinho* (= *cartaz + inho*) / *cartazinha* (= *cârta + zinha*), *rapazinho* (= *rapaz + inho*) / *rapazinha* (= *râpa + zinho*); *masinho* (= *mas + inho*) / *mazinha* (= *mà + zinha*).

Ao analisar a formação do diminutivo no PB, Câmara Jr. (1975) afirma que *-zinho* é variante alomórfica de *-inho* e argumenta que o uso de *-zinho* é obrigatório diante de palavras que terminam em vogal tônica, sendo considerado como um caso de derivação por justaposição.

Na proposta de Lee (1995), o morfema *-inho* é anexado a formas não-verbais (nomes e adjetivos/advérbios) contendo vogal temática, como em *casa/casinha*, *bonita/bonitinha*, *perto/pertinho*. No entanto, o morfema *-zinho* é adjungido a um não-verbo com vogal temática inexistente (atemático) como, por exemplo, *café/cafezinho*, *flor/florzinha*, e é anexado a palavras proparoxítonas e vocábulos terminados em sílaba pesada, como em *lâmpada/lampadazinha*, *judeu/judeuzinho*, *mar/marzinho*. Contudo, o autor reconhece que ocorre variação entre os sufixos na fala cotidiana como, por exemplo, em *lampadazinha* ~ *lampadinha*, *facilzinho* ~ *facinho*, *xicarazinha* ~ *xicrinha*, etc.



No que tange a variação, Bisol (2010, p.72) admite que esta “circunda-se aos nominais temáticos em que se impõe a prevalência da forma original – inho,” considerando que “em nominais temáticos, há casos em que a epêntese é motivada” (BISOL, 2010, p.72). Assim, o primeiro caso listado por Bisol (2010) refere-se à flexão de gênero que se apresenta tanto na forma de base como no morfema diminutivo, ou seja, “haverá redundância de informação, o que, em nome da simplicidade tende a ser evitado. Não há erros, mas redundância de informação” (BISOL, 2010, p.72), citando exemplos como borboletinha ~ borboletazinha, patinho ~ patozinho, garotinha ~ garotazinha. No entanto, a autora ressalta que há exceções e considera que os casos de disparidade pertencem aos nominais que apresentam vogal temática em /e/, sendo destituídos “de qualquer relação com gênero, que abrem as portas para a variação analógica: verdinho ~ verdezinho, paredinha ~ paredezinha, correntinha ~ correntezinha” (BISOL, 2010, p.73). Assim, a autora conclui que “a variação em nominais temáticos está comprometida com o gênero gramatical” (BISOL, 2010, p.73).

O segundo caso ilustrado por Bisol (2010) refere-se ao princípio do contorno obrigatório (doravante OCP) que proíbe segmentos idênticos adjacentes. Deste modo, a autora postula que OCP é ativado e o segmento consonantal /z/ é inserido a fim de contornar a adjacência de segmentos que apresentam as mesmas propriedades fônicas como, por exemplo, em vinho → vinhozinho / *vinhinho, pinho → pinhozinho / *pinhinho, linho → linhozinho / *linhinho, etc. No entanto, a autora admite que a variação em nominais terminados em hiato constitui um dilema na análise do diminutivo, visto que “a parte final da base prosódica não oferece, como nos demais nominais temáticos, uma consoante para *onset*” (BISOL, 2010, p.73). Assim, de um lado, “via apagamento de VT [vogal temática], *ka.no.a > ka.no.í.n)a*, o hiato da base é desfeito e o de DIM [diminutivo] permanece” (BISOL, 2010, p.73). Por outro lado, “via epêntese, *ka.no.a > ka.no.a.zi.n)a*, o hiato da base é preservado para resolver o de DIM” (BISOL, 2010, p.73). Mais uma vez, a autora constata que há exceções à regra e afirma que as ocorrências mais frequentes apontam que “DIM tende a





preservar o hiato do input e resolver o que lhe diz respeito, optando pela epêntese, mas a variação não fica de toda excluída, como em *atoa* > *atoazinha* ~ *atoinha*, *canoa* > *canoazinha* ~ *canoinha*, *garoa* > *garoazinha* ~ *garoinha*” (BISOL, 2010, p.73).

Por último, o terceiro caso mencionado por Bisol está relacionado ao fato de que, nos diminutivos, “a base que contém minimamente duas sílabas exibe pé binário de cabeça à esquerda” (BISOL, 2010, p.74). Deste modo, o acento secundário, quando herdado do principal, desloca-se para a sílaba imediatamente anterior a fim de evitar uma colisão acentual com retração de acento. No entanto, novamente a autora constata que “a exceção está no grupo das proparoxítonas, que foge ao padrão geral [pé binário de cabeça à esquerda], mostrando um dátilo, o qual tende a ser preservado por DIM” (BISOL, 2010, p.74). Assim, a exceção encontra-se em dados como, por exemplo, (*lâm.pa.da*) → (*lâm.pa.da*)(*zí.nha*) ~ (*lâm.pa.*)(*dí.nha*), (*cá.te.dra*) → (*cà.te.dra.*)(*zí.nha*) ~ (*cà.te.*)(*dri.nha*), etc.

Note-se que Bisol (2010) admite a variação existente em nominais temáticos, mas considera que “há casos

que apontam para o controle de certos fatores, como redundância de gênero, hiato duplicado, acento marcado e OCP que motivam ou restringem a presença de consoante epentética” (BISOL, 2010, p.75). Finalmente, Bisol (2010, p.82) chega a seguinte generalização: “O Diminutivo, cuja forma canônica é –inho, exige onset e preserva os elementos da base (*input*) e do *output* que são relevantes para a sua estruturação como palavra fonológica.”

Em suma, no que se refere à distribuição e o comportamento das formas –inho e –zinho, torna-se evidente a ausência de consenso na delimitação dos contextos de aplicação de tais formativos, sendo inúmeras as exceções apresentadas ao longo da revisão da literatura quando se trata de delimitar os contextos de ocorrência das formas em questão.

A proposta da Fonologia de Uso

Nos últimos anos, os recentes trabalhos de linguística cognitiva e funcional retomaram a questão de que a linguagem e a competência linguística tenham surgido da concepção de que a estrutura da língua é baseada no uso, ao invés da clássica definição de princípios



e parâmetros difundida por Chomsky¹. De um lado, os modelos gerativos assumem que a gramática pode ser dividida em torno de uma área central inata e outra periférica. A área central consiste em princípios universais e parâmetros que são parte de nossa herança genética enquanto a periferia é composta por aspectos da gramática que não são geneticamente determinados. Por outro lado, as abordagens baseadas no uso postulam que a estrutura linguística emerge do uso da língua (LANGACKER, 1987, 2000; BYBEE, 1985, 1995, 1998, 2000, 2001, 2010). Com efeito, entende-se que as abordagens baseadas no uso rejeitam a hipótese de que o ser humano é dotado de uma faculdade inata da linguagem, apenas a cognição humana é descrita como inata, e assumem que a aprendizagem é fruto de associações entre informações. Assim, aprende-se uma língua através de seu uso e conforme as situações comunicativas ao qual cada falante é exposto.

¹ Na visão Chomskiana, cada indivíduo nasce com uma gramática universal como parte de sua herança genética, composta por regras (princípios) e parâmetros que apresentam um valor *default* predefinido e um número de configurações possíveis.

² A designação sexo ou gênero tem sido discutido por vários autores, em função de razões biológicas, sociais, culturais ou formais,

Na Fonologia de uso, Bybee (2001) considera que a frequência com que determinados padrões são usados afeta a representação gramatical na mente do falante. Deste modo, a autora estabelece uma distinção entre frequência de ocorrência (*token frequency*) e frequência de tipo (*type frequency*). A primeira (*token frequency*) refere-se ao número de vezes que cada item lexical ocorre em um *corpus* oral ou escrito, ou seja, corresponde a frequência absoluta de um item na língua. A segunda (*type frequency*) aplica-se a frequência de determinado padrão no léxico como, por exemplo, um afixo, um padrão acentual, uma unidade sonora, etc.

Cristóvão-Silva & Gomes (2007) sugerem que a frequência de um determinado tipo de estrutura desempenha um papel importante no estabelecimento da produtividade de um padrão na língua e ressaltam que quanto mais itens estiverem contidos em um esquema, mais robusto e disponível para aplicação a outros itens ele se tornará. Deste modo, quanto mais alta for a frequência de um tipo, mais robusto torna-se um esquema. Logo, o esquema será mais produtivo e usado na formação de novas palavras.





Para Bybee (1995), a interação entre as propriedades do padrão lexical e das frequências em termos de *type* e em termos de *token* influencia no grau de produtividade. A autora afirma que se o *input* contém um grande número de palavras distintas que compartilham o mesmo sufixo, estas palavras são relacionadas a outras no léxico e a existência do afixo emerge. Assim, quanto mais vocábulos dividirem o mesmo afixo, mais forte será sua representação mental e, conseqüentemente, mais fácil será o seu acesso. De modo análogo, quanto mais palavras novas forem padronizadas por um determinado afixo, maior será também a produtividade deste afixo. No entanto, Bybee (1995) menciona que itens com uma alta frequência de *token* são mais autônomos, porém os *tokens* mais frequentes não contribuem para que um padrão seja mais produtivo. Assim, Bybee (2001) argumenta que a produtividade de um padrão é determinada pela frequência de tipo. Sendo assim, quanto mais frequente for um padrão, maiores são as probabilidades de se aplicar a novos itens no léxico. A autora considera que padrões com alta frequência de tipo são

mais regulares e aceitáveis do que padrões com baixa frequência.

Metodologia

A amostra é constituída de dados do dicionário Aurélio Eletrônico (1999), de dados de fala, oriundos do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) e do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G), e de um teste de produtividade.

O primeiro *corpus* utilizado na presente pesquisa foi extraído do dicionário Aurélio Eletrônico (1999) que apresentou 469 formas diminutivas, distribuídas em 342 vocábulos com construções X-inho(a) e 127 palavras terminadas em -zinho(a).

Da base de dados do PEUL, foram selecionados 32 diálogos que compõem o censo realizado em 2000, 16 amostras de recontato que compuseram a amostra Censo/1980 e 17 amostras de fala infantil, totalizando sessenta e cinco entrevistas. Estes depoimentos estão distribuídos em 32 sujeitos do sexo masculino e 33 indivíduos do sexo feminino, apresentando escolaridade que compreende o ensino fundamental, o médio e o superior, tendo sido considerado seis intervalos etários: [05-



17], [17-29], [29-41], [41-53], [53-65] e [65-78].

Do *corpus* do D&G, foram analisados 70 informantes, sendo 32 homens e 38 mulheres. Quanto à escolaridade, os indivíduos estão distribuídos em nível fundamental, médio e superior, apresentando os seguintes intervalos etários: [08-11], [11-14], [14-17], [17-20], [20-23] e [23-27].

No teste de produtividade, a metodologia empregada foi a elaboração de dois questionários aplicados em falantes da cidade do Rio de Janeiro com nível superior incompleto. Nestes questionários admitiu-se as possibilidades lógicas de uso de –inho(a), -zinho(a) e –inho(a)zinho(a), a fim de detectarmos se a orientação sexual ou o dialeto regional influem na escolha realizada pelo falante no uso de um dos formativos ou ainda de ambas as formas concomitantemente em determinado contexto. Seu principal objetivo era saber se as variáveis sociais supracitadas exerciam influência na distribuição destas formas diminutivas. Os questionários foram preparados com base nos dados levantados no dicionário Aurélio Eletrônico (1999), nos corpora do PEUL e do D&G e em dados registrados por TAVARES JR. (1999) e

GONÇALVES (2005) para as formações diminutivas X–inho e X–zinho.

Em relação ao dialeto regional, partiu-se da hipótese de que o Estado do Rio de Janeiro é composto por diferentes áreas dialetais, seguindo a proposta de Nascentes que declara que “o linguajar carioca seria uma variedade do subfalar fluminense.” (NASCENTES, 1953, p.28). Deste modo, separou-se o dialeto carioca do fluminense e acrescentou-se a opção “outro” a fim de identificarmos os indivíduos procedentes de outras regiões do país. Neste caso, considerou-se que o falar carioca abrange a cidade do Rio de Janeiro enquanto o fluminense compreende o estado do Rio de Janeiro e as regiões limítrofes com os estados vizinhos (o Espírito Santo e uma parte de Minas Gerais).

O referido teste é composto por 30 sentenças, distribuídas em 15 frases para cada questionário, contendo as três possibilidades de aplicação relatadas acima. A cada informante foi reservada a opção de marcar uma das alternativas, efetuando a escolha da expressão diminutiva, conforme a intuição e o conhecimento do entrevistado.

Na elaboração dos questionários, considerou-se a acentuação da base, o



número de sílabas, a finalização do palavra, como se observa, a seguir, em vocábulo e a classe gramatical da (1):

1 (a)

TESTE 1

| Acentuação | | Nº sílabas | | Finalização | | Classe gramatical | |
|---------------|----|-------------|---|-------------|----|-------------------|----|
| oxítona | 2 | monossílabo | 0 | consoante | 3 | nomes | 12 |
| paroxítona | 11 | dissílabo | 8 | ditongo | 1 | verbos | 1 |
| proparoxítona | 2 | trissílabo | 5 | vogal | 11 | pronomes | 1 |
| | | polissílabo | 2 | | | advérbios | 1 |

1 (b)

TESTE 2

| Acentuação | | Nº sílabas | | Finalização | | Classe gramatical | |
|---------------|----|-------------|---|-------------|---|-------------------|---|
| oxítona | 3 | monossílabo | 2 | consoante | 4 | nomes | 9 |
| paroxítona | 12 | dissílabo | 6 | ditongo | 4 | verbos | 2 |
| proparoxítona | 0 | trissílabo | 5 | vogal | 7 | pronomes | 2 |
| | | polissílabo | 2 | | | advérbios | 2 |

Deste modo, em relação à encontramos: sete palavras terminadas acentuação, temos: cinco oxítonas; vinte em consoante; cinco acabadas em e três paroxítonas; e duas ditongo; e dezoito encerradas em vogal. proparoxítonas. Quanto ao número de Por fim, no que tange à classe sílabas, os vocábulos distribuem-se em: gramatical, temos: vinte e um vocábulos dois monossílabos; quatorze dissílabos; pertencentes à classe dos nomes dez trissílabos; e quatro polissílabos. No (substantivos e adjetivos), três verbos, que diz respeito à finalização da base, três pronomes e três advérbios. Logo, os



testes aplicados apresentam um total de trinta palavras, sendo quinze vocábulos para cada questionário.

Ao utilizarmos os diminutivos nos questionários, procuramos deixar os formativos –inho(a), –zinho(a) e –inho(a)zinho(a) alternados no corpo do teste a fim de não influenciar a provável resposta do falante, ou seja, as formas em estudo foram dispostas em diferentes posições em cada questão para evitar que o informante escolhesse uma das formas aleatoriamente e por impulso, sem refletir sobre o uso do(s) sufixo(s) para cada questão.

Análise de dados

Vejamos, a seguir, a apresentação detalhada dos resultados

diminutivas –inho e –zinho de acordo com o padrão acentual do PB. Neste caso, pretendemos verificar se a acentuação da base exerce alguma influência na distribuição dos formativos e em que proporção esta tendência se constata.

Conforme a tabela acima, verificamos que a grande incidência de construções X–zinho aparece em bases com acentuação oxítona, apresentando 61,4% de observações. Entretanto, as formações X–inho apresentam um alto índice de ocorrências, na ordem de 97,3%, em bases com acentuação paroxítona. Vejamos se a mesma tendência é verificada no *corpus* do D&G, quando analisamos a distribuição

TABELA 01

Distribuição dos sufixos -inho e -zinho segundo a acentuação da base

| VARIANTES | ACENTUAÇÃO DA BASE | | |
|-----------|--------------------|---------------------|------------------|
| | OXITONA | PAROXITONA | PROPÁROXITONA |
| -INHO | 2 / 2227 = 0,1% | 2166 / 2227 = 97,3% | 59 / 2227 = 2,6% |
| -ZINHO | 334 / 544 = 61,4% | 208 / 544 = 38,2% | 2 / 544 = 0,4% |

Fonte: PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA.

obtidos para os grupos de fatores selecionados neste estudo.

dos formativos –inho e –zinho em razão da variável acentuação da base.

Fator: acentuação da base

No *corpus* do PEUL, as tabelas 01 e 02 apresentam a ocorrência das formas

Na tabela 02, vemos que o *corpus* do D&G não difere significativamente

TABELA 02

Distribuição dos sufixos -inho e -zinho segundo a acentuação da base

| VARIANTES | ACENTUAÇÃO DA BASE | | |
|-----------|--------------------|-------------------|-----------------|
| | OXITONA | PAROXITONA | PROPÁROXITONA |
| -INHO | 0 / 431 = 0% | 417 / 431 = 96,8% | 14 / 431 = 3,2% |
| -ZINHO | 49 / 71 = 69% | 22 / 71 = 31% | 0 / 71 = 0% |

Fonte: GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA





dos resultados encontrados no *corpus* do PEUL. Tal como tínhamos visto, os resultados apresentados revelam que a ocorrência do formativo –zinho é categórica em bases oxítonas, apresentando uma aplicabilidade de aproximadamente 100% se considerada a nulidade de ocorrências para –inho. Ainda que se considere o cruzamento da variável acentuação da base entre os corpora (PEUL e D&G), a aplicabilidade de –zinho a bases oxítonas se mantém categórica, visto que a forma –inho apresenta um índice mínimo ($0\% < \text{INHO} < 1\%$) que não é percentualmente significativo na amostra, como se vê na tabela 03.

Em relação à acentuação proparoxítona, a discrepância no uso dos formativos –inho e –zinho revela que as bases proparoxítonas tendem a magnetizar-se ao diminutivo –inho, na ordem de 97,3%. Tal fato ocorre em virtude do tamanho da base, uma vez que a anexação de –inho à forma de base leva ao encurtamento do último constituinte do vocábulo, ajustando, então, a base ao sufixo diminutivo. Dito de outro modo, a queda do último segmento da palavra base promove um maior uso de –inho em relação a –zinho, que torna a palavra mais extensa. Assim, para os dados acima analisados, temos uma incidência na escolha da

TABELA 03
Distribuição dos sufixos -inho e -zinho segundo a acentuação da base

| VARIANTES | ACENTUAÇÃO DA BASE | | |
|-----------|--------------------|---------------------|-------------------|
| | OXITONA | PAROXITONA | PROPAROXITONA |
| -INHO | 2 / 2658 = 0,5% | 2583 / 2658 = 91,8% | 73 / 2658 = 97,3% |
| -ZINHO | 383 / 615 = 99,5% | 230 / 615 = 8,2% | 2 / 615 = 2,7% |
| TOTAL | 385 / 3273 = 100% | 2813 / 3273 = 100% | 75 / 3273 = 100% |

Fonte: PEUL ∪ D&G.

No entanto, a disparidade no uso dos diminutivos –inho e –zinho em palavras paroxítonas se torna mais expressiva, apresentando 91,8% de aplicações em favor de –inho, o que numericamente representa 2583 ocorrências com acentuação paroxítona para um total de 2813 ocorrências de bases paroxítonas para PEUL ∪ D&G.

forma –inho na ordem de 91,8% para palavras que recebem acentuação paroxítona bem como na seleção de vocábulos proparoxítonos, que representam 97,3% de ocorrências de uso. Por outro lado, quando a base porta acento oxítono o formativo –zinho apresenta uma aplicabilidade massiva, exibindo uma tendência de 99,5% de uso.

**Fator: número de sílabas da base**

No *corpus* do PEUL, na tabela 04, identificamos que a variante –inho é predominantemente expressiva em

Como se pode observar, na tabela 05, há um uso categórico da variante –zinho diante de bases monossilábicas. No entanto, ao contrário do exposto no

TABELA 04

Distribuição da alternância -inho / -zinho segundo o número de sílabas da base

| VARIANTES | NUMERO DE SILABAS DA BASE | | | |
|-----------|---------------------------|---------------------|--------------------|------------------|
| | MONOSSÍLABO | DISSÍLABO | TRISSÍLABO | POLISSÍLABO |
| -INHO | 0 / 2227 = 0% | 1234 / 2227 = 55,4% | 939 / 2227 = 42,2% | 54 / 2227 = 2,4% |
| -ZINHO | 254 / 544 = 46,7% | 216 / 544 = 39,7% | 60 / 544 = 11% | 14 / 544 = 2,6% |

bases dissilábicas e trissilábicas e inerte diante de bases monossilábicas. Por outro lado, o morfema –zinho apresenta grande incidência de uso nos monossílabos.

Como podemos observar, para o formativo –inho, 55,4% das observações encontram-se concentradas nos dissílabos e nos trissílabos, com uma taxa de incidência de 42,2%. Por outro lado, o morfema –zinho apresenta um uso mais expressivo nos monossílabos, na ordem de 46,7%. No entanto, há uma pequena margem de diferença no uso dos polissílabos na ordem de 0,2% em favor de –zinho, mostrando um percentual muito próximo na preferência por uma ou outra variante.

Vejam agora a distribuição dos formativos –inho e –zinho em função do número de sílabas da base para o *corpus* do D&G.

Fonte: PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA. PEUL, o uso da variante –inho torna-se categórica em bases polissilábicas, apresentando uma aplicabilidade de aproximadamente 100% se considerada a nulidade do número de ocorrências de –zinho no *corpus* do D&G. De modo geral, temos o predomínio do morfema –inho para os dissílabos, trissílabos e polissílabos enquanto o diminutivo –zinho é categoricamente aplicado nos monossílabos. Tal fato se deve ao tamanho da base, visto que a perda do último segmento da palavra base promove a descaracterização do monossílabo e, deste modo, a possibilidade de –inho figurar em bases monossilábicas torna-se nula.

A partir da tabela 05, verificamos que, para o formativo –inho, 60,6% das observações encontram-se concentradas nos dissílabos enquanto que, nos trissílabos, a taxa de incidência é de 36,9%. Por outro lado, a forma –





TABELA 05
Distribuição dos sufixos -inho e -zinho segundo o número de sílabas da base

| VARIANTES | NUMERO DE SILABAS DA BASE | | | |
|-----------|---------------------------|-------------------|-------------------|-----------------|
| | MONOSSÍLABO | DISSÍLABO | TRISSÍLABO | POLISSÍLABO |
| -INHO | 0 / 431 = 0% | 261 / 431 = 60,6% | 159 / 431 = 36,9% | 11 / 431 = 2,6% |
| -ZINHO | 39 / 71 = 54,9% | 26 / 71 = 36,6% | 6 / 71 = 8,5% | 0 / 71 = 0% |

Fonte: GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA.

zinho apresenta um uso massivo nos monossílabos, na ordem de 54,9%. No entanto, ao contrário do exposto no PEUL, o uso da variante –zinho torna-se fortemente acentuado nos polissílabos, apresentando um índice de 2,6% no *corpus* do D&G.

Fator: finalização da base

A tabela 06 apresenta a ocorrência das formas diminutivas –inho

Na tabela 06, observa-se que, para os vocábulos terminados em consoante ou ditongo, há um predomínio que favorece o emprego do diminutivo –zinho, exibindo uma taxa percentual de 23,3% para as bases finalizadas em consoante e 18,4% para palavras que apresentam segmento final em ditongo. No entanto, para o diminutivo –inho,

TABELA 06
Distribuição da alternância -inho / -zinho segundo a finalização da base

| VARIANTES | FINALIZAÇÃO DA BASE | | |
|-----------|---------------------|---------------------|-------------------|
| | CONSOANTE | VOGAL | DITONGO |
| -INHO | 24 / 2227 = 1,1% | 2149 / 2227 = 96,5% | 54 / 2227 = 2,4% |
| -ZINHO | 127 / 544 = 23,3% | 317 / 544 = 58,3% | 100 / 544 = 18,4% |

Fonte: PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA.

e –zinho de acordo com o tipo de finalização da base no PB. Neste caso, pretendemos verificar se o segmento final da forma primitiva da base contribui na determinação de qual morfema será utilizado e em que proporção se expressa esta tendência. Deste modo, a seguir, apresentamos a distribuição dos formativos –inho e –zinho em função da finalização da base para o *corpus* do PEUL.

temos um índice de ocorrência na ordem de 96,5%, mostrando que o ambiente linguístico favorável a esta forma é caracterizado por bases finalizadas em vogal.

Vejamos se a mesma tendência é atestada no *corpus* do D&G quando analisamos a distribuição dos morfemas –inho e –zinho em razão da variável finalização da base (TABELA 07).



TABELA 07

Distribuição da alternância -inho / -zinho segundo a finalização da base

| VARIANTES | FINALIZAÇÃO DA BASE | | |
|-----------|---------------------|-------------------|---------------|
| | CONSOANTE | VOGAL | DITONGO |
| -INHO | 4 / 431 = 1% | 427 / 431 = 99,1% | 0 / 431 = 0% |
| -ZINHO | 24 / 71 = 34% | 37 / 71 = 52% | 10 / 71 = 14% |

Fonte: GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA.

Na tabela 07, observa-se que o ambiente linguístico favorável a presença do formativo -inho é composto por palavras terminadas em vogal, apresentando uma taxa percentual de 99,1%. Por outro lado, o contexto de ocorrência do morfema -zinho é fixado, sobretudo, em torno de vocábulos terminados em consoante ou ditongo, exibindo um índice de 34% para palavras acabadas em consoante e 14% para itens encerrados em ditongo.

Fator: escolaridade

Na tabela 08, delineamos a proporção distribucional dos formativos -inho e -zinho valendo-nos da relação de que cada informante que fez uso de uma variante obrigatoriamente também utilizou a outra no *corpus* do PEUL.

Na tabela acima, vemos que o emprego de -inho e -zinho é muito próximo, apresentando uma pequena margem de diferença de 1,6% para o nível fundamental, 1,7% para o nível médio e 0,1% para o nível superior. Esta diferença mínima indica que o mesmo informante que utiliza o morfema -inho também faz uso do diminutivo -zinho em proporções quase igualitárias.

Vejamos se a mesma aproximação percentual é também confirmada entre os referidos formativos para o *corpus* do D&G.

Como podemos observar, para o morfema -inho, a maior incidência de uso situa-se no nível fundamental (54%) e no nível superior (23%). Por outro lado, o formativo -zinho apresenta um uso mais acentuado nível médio, na ordem

TABELA 08

Distribuição da alternância -inho / -zinho segundo o nível de escolaridade

| VARIANTES | ESCOLARIDADE | | |
|-----------|---------------------|-------------------|-------------------|
| | FUNDAMENTAL | MÉDIO | SUPERIOR |
| -INHO | 1936 / 2227 = 86,9% | 118 / 2227 = 5,3% | 173 / 2227 = 7,8% |
| -ZINHO | 464 / 544 = 85,3% | 38 / 544 = 7% | 42 / 544 = 7,7% |

Fonte: PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA.





de 34%. No entanto, se compararmos a diferença percentual encontrada nos dados do PEUL, percebemos que esta diferença relativa entre as duas variantes Neste caso, pretende-se verificar se o comportamento da variável sexo afeta a distribuição dos referidos formativos nos *corpora* em análise.

TABELA 09

Distribuição da alternância -inho / -zinho segundo o nível de escolaridade

| VARIANTES | ESCOLARIDADE | | |
|-----------|-----------------|------------------|-----------------|
| | FUNDAMENTAL | MÉDIO | SUPERIOR |
| -INHO | 233 / 431 = 54% | 98 / 431 = 22,7% | 100 / 431 = 23% |
| -ZINHO | 34 / 71 = 48% | 24 / 71 = 34% | 13 / 71 = 18% |

Fonte: GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA.

adquire proporções equidistantes no *corpus* do D&G. Neste caso, a diferença percentual entre as variantes exibe uma acentuada elevação em torno de 6% para o nível fundamental, 11,3% para o nível médio e 5% para o nível superior. Com isso, é possível afirmarmos que o informante que opta por utilizar a variante -inho nem sempre faz uso do diminutivo -zinho na mesma proporção.

Fator: sexo

No *corpus* do PEUL, a tabela 10 apresenta a ocorrência das formas

Como se pode observar, o formativo -inho tende a ser mais utilizado por homens (79%) e mulheres (73%) do que o diminutivo -zinho. No entanto, se considerarmos o total de ocorrências, 1328 para o sexo masculino e 1643 para o feminino, constatamos que as mulheres utilizam um pouco mais as variantes -inho e -zinho do que os homens, dada a proporção entre eles, aproximadamente 1:1.

Comparem-se os resultados acima aos percentuais obtidos no *corpus*

TABELA 10

Distribuição da alternância -inho / -zinho segundo o sexo do

| VARIANTES | SEXO | |
|-----------|-------------------|-------------------|
| | MASCULINO | FEMININO |
| -INHO | 1043 / 1328 = 79% | 1198 / 1643 = 73% |
| -ZINHO | 285 / 1328 = 21% | 445 / 1643 = 27% |

Fonte: PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA.

diminutivas -inho e -zinho de acordo com o sexo/gênero² do informante.

do D&G ao analisarmos a distribuição dos formativos -inho e -zinho em razão da variável sexo (TABELA 11).

² A designação sexo ou gênero tem sido discutido por vários autores, em função de razões biológicas, sociais, culturais ou formais, que não abordaremos aqui. Para tal, veja-se

CHESHIRE (2005), FOULKES & DOCHERTY (2006), entre outros. Neste estudo, adotamos a utilização do termo sexo.



TABELA 11
Distribuição da alternância -inho / -zinho segundo o sexo do informante

| SEXO | VARIANTES | |
|-----------|-----------------|----------------|
| | -INHO | -ZINHO |
| MASCULINO | 213 / 256 = 83% | 40 / 256 = 16% |
| FEMININO | 274 / 306 = 90% | 32 / 306 = 10% |

Fonte: GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA.

De acordo com a tabela 11, os resultados mostram que há uma propensão maior de uso do formativo -inho para homens (83%) e mulheres (90%). Contudo, se levamos em conta o número total de ocorrências, 306 para o sexo feminino e 256 para o masculino, verificamos que as mulheres fazem um uso maior de formações com diminutivo.

Fator: faixa etária

A tabela 12 apresenta a ocorrência das formas diminutivas -inho e -zinho segundo a variável faixa etária. Neste caso, pretendemos verificar se a

De imediato, na tabela 12, chama atenção a aproximação de valores para as duas variantes. Como se pode observar, a faixa etária que concentra a maior incidência de uso apresenta as taxas de 36,9% para o morfema -inho e 37,3% para o diminutivo -zinho. Com efeito, verifica-se que a utilização de -inho é aproximadamente a mesma de -zinho na faixa etária de 05 a 17 anos para o *corpus* do PEUL. Neste sentido, é possível afirmar que os mais jovens são os maiores realizadores das formas diminutivas -inho e -zinho indistintamente.

TABELA 12
Distribuição da alternância -inho / -zinho segundo a faixa etária

| FAIXA ETÁRIA | VARIANTES | |
|--------------|--------------------|-------------------|
| | -INHO | -ZINHO |
| 05 17 anos | 822 / 2227 = 36,9% | 203 / 544 = 37,3% |
| 17 29 anos | 382 / 2227 = 17,2% | 115 / 544 = 21,1% |
| 29 41 anos | 277 / 2227 = 12,4% | 43 / 544 = 7,9% |
| 41 53 anos | 305 / 2227 = 13,7% | 75 / 544 = 13,8% |
| 53 65 anos | 88 / 2227 = 4,0% | 18 / 544 = 3,3% |
| 65 78 anos | 353 / 2227 = 15,9% | 90 / 544 = 16,5% |

Fonte: PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA.

idade do informante afeta a distribuição das variantes em análise. Segue, abaixo, os resultados da influência da variável faixa etária para o *corpus* do PEUL.

Comparem-se os resultados acima aos obtidos no *corpus* do D&G, conforme a tabela 13.





TABELA 13
Distribuição da alternância -inho / -zinho segundo a faixa etária

| FAIXA ETÁRIA | VARIANTES | |
|--------------|-----------------|---------------|
| | -INHO | -ZINHO |
| 08 11 anos | 125 / 431 = 29% | 21 / 71 = 30% |
| 11 14 anos | 95 / 431 = 22% | 10 / 71 = 14% |
| 14 17 anos | 30 / 431 = 7% | 9 / 71 = 13% |
| 17 20 anos | 75 / 431 = 17% | 18 / 71 = 25% |
| 20 23 anos | 39 / 431 = 9% | 4 / 71 = 6% |
| 23 27 anos | 67 / 431 = 16% | 9 / 71 = 13% |

Fonte: GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA.

Em termos de frequência de uso, os resultados do D&G confirmam o fato de que a maior produtividade encontra-se sobretudo entre os mais jovens, na faixa etária de 08 a 11 anos para as duas variantes. No entanto, os resultados individualmente indicam que não há uma diferença de uso acentuada entre os formativos -inho e -zinho e apontam para o fato de os informantes utilizarem de modo semelhante os dois formativos em questão, não tendo a variável faixa etária se mostrado relevante na seleção de uma ou outra forma diminutiva.

Do teste de produtividade

Para o teste de produtividade, foram utilizadas as mesmas variáveis propostas para as amostras recolhidas dos *corpora* em análise (PEUL e D&G). Contudo, julgamos necessário o acréscimo das variáveis dialeto regional e orientação sexual. Neste caso, pretendemos verificar se as variáveis

adicionadas ao teste de produtividade exercem influência na escolha dos formativos -inho(a), -zinho(a) ou -inho(a)zinho(a).

Na análise do teste de produtividade, não serão expostos os resultados de todos os fatores, o que estenderia demasiadamente a análise. Serão destacados apenas alguns resultados considerados mais relevantes ao estudo em questão.

Para a variável sexo, observou-se, nos *corpora* (PEUL e D&G), que homens e mulheres utilizam com maior frequência a variante -inho, apresentando índices muito próximos de uso. Isto nos revela que os dois sexos utilizam de forma quase igualitária as duas variantes, ou seja, não há uma tendência clara de uso que nos informe a preferência por um ou outro formativo. No entanto, os resultados aferidos para a variável sexo levou-nos a questionar se não haveria uma provável influência do fator orientação sexual, atuando no



emprego das formas diminutivas em estudo. Vejamos, a seguir, se esta tendência se confirma no teste de produtividade (TABELA 14).

empregados por indivíduos heterossexuais. Neste caso, parece haver uma tendência maior de uso da variante -zinho entre os informantes que

TABELA 14

Distribuição da alternância -inho / -zinho segundo a orientação sexual

| VARIANTES | ORIENTAÇÃO SEXUAL | | |
|-----------|-------------------|----------------|----------------|
| | HETEROSSEXUAL | HOMOSSEXUAL | BISSEXUAL |
| -INHO | 19 / 56 = 34% | 19 / 56 = 34% | 18 / 56 = 32% |
| -ZINHO | 41 / 124 = 33% | 41 / 124 = 33% | 42 / 124 = 34% |

Fonte: DADOS DA PESQUISA

Na tabela 14, vemos que, das 56 ocorrências para morfema -inho, 34% dos dados foram produzidos por informantes que se consideram homossexuais³. Este mesmo percentual foi aferido também entre os heterossexuais, não havendo distinção entre as duas categorias. No entanto, os indivíduos bissexuais tendem a utilizar com menor frequência a variante -inho, na ordem de 32%. Por outro lado, observamos que, para as 124 incidências do diminutivo -zinho, temos o seguinte agrupamento de dados: 34% foram produzidos por informantes bissexuais, 33% foram utilizados por falantes homossexuais, e 33% foram

se consideram bissexuais.

Neste estudo, entendemos que a orientação sexual está relacionada a outros aspectos da sexualidade, como o sexo biológico, a identidade de gênero e o papel social de gênero, por exemplo. Tendo em vista estes aspectos sociais, apresentamos, a seguir, os resultados obtidos do cruzamento entre as variáveis sexo e orientação sexual. Neste caso, pretende-se verificar se a relação entre o sexo do informante e sua orientação sexual exerce influência na distribuição dos formativos -inho e/ou -zinho e em que medida se verifica esta tendência.

A partir dos dados do teste de produtividade, ilustramos a distribuição dos formativos -inho/ -zinho de acordo com o sexo e a orientação sexual dos informantes, como se vê nas tabelas 15 e 16.

³ Para o teste de produtividade, encontramos 12 indivíduos com nível superior incompleto, sendo 2 sujeitos do sexo masculino e heterossexuais, 4 entrevistados do sexo masculino e homossexuais, 2 sujeitos do sexo masculino e bissexuais, 2 informantes do sexo feminino e heterossexuais e 2 indivíduos do sexo feminino e bissexuais.





TABELA 15

Distribuição da forma -inho segundo o sexo e a orientação sexual dos informantes

| ORIENTAÇÃO SEXUAL | SEXO | |
|-------------------|---------------|--------------|
| | MASCULINO | FEMININO |
| HETEROSSEXUAL | 11 / 56 = 20% | 8 / 56 = 14% |
| HOMOSSEXUAL | 19 / 56 = 34% | 0 / 56 = 0% |
| BISSEXUAL | 11 / 56 = 20% | 7 / 56 = 13% |

Fonte: DADOS DA PESQUISA.

TABELA 16

Distribuição da forma -zinho segundo o sexo e a orientação sexual dos informantes

| ORIENTAÇÃO SEXUAL | SEXO | |
|-------------------|----------------|----------------|
| | MASCULINO | FEMININO |
| HETEROSSEXUAL | 19 / 124 = 15% | 22 / 124 = 18% |
| HOMOSSEXUAL | 41 / 124 = 33% | 0 / 124 = 0% |
| BISSEXUAL | 19 / 124 = 15% | 23 / 124 = 19% |

Fonte: DADOS DA PESQUISA.

Nas tabelas acima, observa-se que, das 56 ocorrências do formativo -inho, os homens heterossexuais e bissexuais apresentam o mesmo percentual de uso (20%) enquanto os homossexuais tendem a utilizar com maior frequência a variante -inho, na ordem de 34%. No entanto, entre as mulheres, há um predomínio da variante -zinho para as que apresentam uma bissexualidade, com taxa de 19%. Logo, para o sexo

masculino, os dados revelam que os homossexuais utilizam com maior frequência a variante -inho, apresentando um índice de 34%. Contudo, para o sexo feminino, vemos que as bissexuais tendem a utilizar mais frequentemente a variante -zinho, na ordem de 19%.

A fim de visualizarmos a distribuição das formas diminutivas com maior clareza, segue a representação esquemática (GRÁFICO 01) dos dados

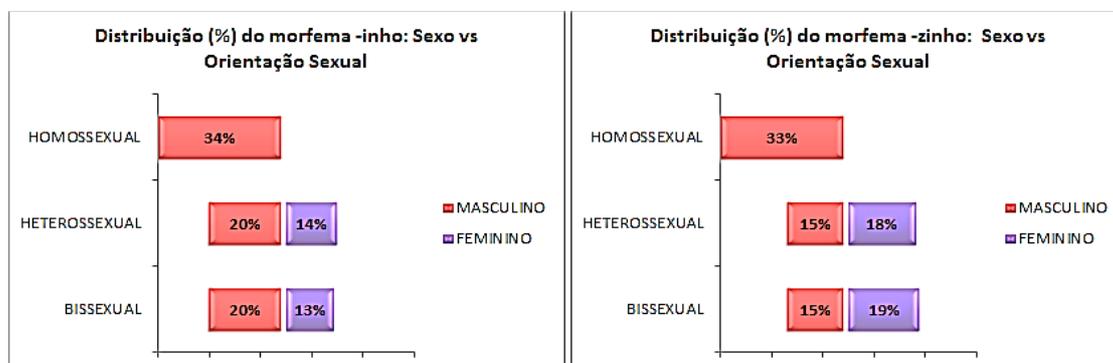


Gráfico 01: Distribuição (%) da alternância dos formativos -inho/ -zinho: Sexo vs Orientação Sexual - Fonte: Dados da pesquisa



acima.

Outro fator que incluímos no teste de produtividade foi o dialeto regional. A tabela 17 mostra os resultados obtidos para este fator:

A relação da frequência de *token* e de *type* com os *corpora*

De acordo com os pressupostos

TABELA 17

Distribuição da alternância -inho / -zinho segundo o dialeto regional dos informantes

| VARIANTES | DIALETO REGIONAL | |
|-----------|------------------|----------------|
| | CARIOCA | FLUMINENSE |
| -INHO | 41 / 56 = 73% | 15 / 56 = 27% |
| -ZINHO | 94 / 124 = 76% | 30 / 124 = 24% |

Fonte: DADOS DA PESQUISA.

De acordo com a tabela acima, os resultados apontam que os cariocas utilizam com maior frequência as duas variantes indistintamente, sendo 73% dos dados para o morfema -inho e 76% para o diminutivo -zinho. Deste modo, verifica-se que individualmente não há uma diferença expressiva entre as duas variantes para o fator dialeto regional.

Todos os demais fatores examinados nos bancos de dados do PEUL e do D&G foram considerados no teste de produtividade. No entanto, estes fatores não diferem significativamente dos resultados já discutidos nos *corpora*. Assim, para o teste de produtividade, nossa análise concentrou-se nos resultados informados pelo acréscimo de algumas variáveis que não puderam ser aferidas nos *corpora* supracitados.

teóricos apresentados anteriormente, admitimos como método de verificação as frequências em termos de *type* e em termos de *token*, proposto por Bybee (2001) para a contagem da frequência de itens lexicais. O presente estudo considera como *type* os morfemas -inho e -zinho na formação do diminutivo no PB. Sendo assim, algumas questões a serem respondidas são: qual é o *type* mais frequente na formação do diminutivo no PB? O *type* mais frequente é também o mais produtivo na formação do diminutivo? Logo, a fim de respondermos as questões propostas, apresentamos, a seguir, a frequência de uso aferida nos dados obtidos no dicionário Aurélio Eletrônico (1999), nos bancos de dados do PEUL e do D&G, e no teste de produtividade.





Dados do dicionário Aurélio Eletrônico

A fim de se explorarem efeitos da frequência de tipo, extraiu-se do dicionário Aurélio Eletrônico a frequência de vocábulos que apresentam as formas -inho e -zinho no PB. A versão eletrônica do dicionário Aurélio nos

foram eliminadas as formações que apresentavam algum tipo de lexicalização semântica, dada a impossibilidade de se recuperar a referência às partes constitutivas.

Os resultados obtidos estão representados na tabela 18.

Os dados acima revelam que o

TABELA 18

Frequência de tipo das formas diminutivas -inho / -zinho

| Tipos | N | % |
|--------|-----|-----|
| -inho | 342 | 73 |
| -zinho | 127 | 27 |
| TOTAL | 469 | 100 |

Fonte: DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO

permitiu realizar o levantamento de palavras de forma reversa, isto é, nos possibilitou listar todas as palavras registradas no dicionário terminadas com determinados caracteres (letras e/ou afixos). Reiteramos que este *corpus* mostrou-se insuficiente para a análise em questão, uma vez que lista basicamente as formas que sofrem algum tipo de desvio semântico como, por exemplo, 'coxinha' ("salgado"), 'camisinha' ("preservativo"), 'raspadinha' ("jogo de azar"), 'folhinha' ("calendário"), etc. Nestes casos, perde-se a noção de gradação dimensiva e surgem fatores de ordem referencial e/ou pragmática, apresentando significações imprevisíveis e idiossincráticas. Assim, neste estudo,

tipo dicionarizado mais frequente na formação do diminutivo é a forma -inho, pois foram encontrados 342 ocorrências para este formativo e 127 para o morfema -zinho, correspondendo a 73% de aplicações com o diminutivo -inho e 27% com o formativo -zinho.

Dados do PEUL e do D&G

Encontramos 2769 ocorrências em termos de *tokens* nas sessenta e cinco entrevistas provenientes do PEUL, sendo 2225 diminutivos com o morfema -inho e 544 diminutivos com o formativo -zinho.

A seguir, na tabela 19, apresentamos o levantamento da



frequência em termos de *type* para os -inho e 71 diminutivos com o forrmativo – diminutivos –inho e –zinho. zinho.

TABELA 19
Frequência de tipo das formas diminutivas -inho / -zinho

| Tipos | N | % |
|--------|-----|-----|
| -inho | 584 | 77 |
| -zinho | 173 | 23 |
| TOTAL | 757 | 100 |

Fonte: PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA.

A partir da tabela acima, nota-se Os dados extraídos do D&G que o diminutivo em –inho é mais encontram-se distribuídos de acordo frequente (77%) que o tipo em –zinho com a frequência de tipo apresentada na (23%) e, a princípio, aponta para o fato tabela 20. de –inho ter um uso mais geral e menos Como se pode observar, nesta restrito que a variante –zinho. Embora – tabela, ocorre o predomínio da forma –

TABELA 20
Frequência de tipo das formas diminutivas -inho / -zinho

| Tipos | N | % |
|--------|-----|-----|
| -inho | 211 | 85 |
| -zinho | 36 | 15 |
| TOTAL | 247 | 100 |

Fonte: GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA.

zinho seja menos marcado, pois inho, apresentando uma frequência preserva integralmente a palavra base, cinco vezes maior (85%) que o tipo – seu uso ocorre em contextos específicos zinho (15%). Se considerarmos os como em bases de acentuação oxítona, bancos de dados (PEUL e D&G) agrupados em um único conjunto de por exemplo.

Para os dados oriundos do D&G, dados, temos 78% em favor de –inho foram registradas 502 ocorrências em contra 22% aferidos em prol da variante termos de *token* nos setenta inquéritos, –zinho, como se vê na tabela 21. sendo 431 ocorrências com o morfema –



TABELA 21
Frequência de tipo das formas diminutivas -inho / -zinho

| Tipos | N | % |
|--------|-----|-----|
| -inho | 669 | 78 |
| -zinho | 189 | 22 |
| TOTAL | 858 | 100 |

Fonte: PEUL U DG.

Neste caso, a contagem em termos de tipo revela uma preferência intensiva pelo diminutivo -inho em detrimento da variante -zinho. Diante dos resultados preliminares, nos parece que os usuários da língua tendem a formar novas palavras com o acréscimo do formativo -inho.

Dados do teste de produtividade

Foram encontradas 180 ocorrências em termos de *token* nas doze entrevistas, sendo 56 registros com o formativo -inho e 124 ocorrências com o morfema -zinho. A seguir, na tabela 22, apresentamos o levantamento da frequência em termos de tipo para os diminutivos -inho e -zinho.

Como se pode observar, na tabela 22, ocorre maior incidência de uso para a forma -zinho, na ordem de 65% contra 35%, atestada para o diminutivo -inho.

Ao compararmos os dados dos *corpora* (PEUL e D&G) com o teste de

produtividade, verificamos a presença de uma acentuada diferença no emprego das variantes -inho e -zinho. Deste modo, para o *corpus* do PEUL, temos 77% de ocorrências para o formativo -inho e 23% para o diminutivo -zinho. No entanto, os percentuais encontrados para as duas variantes no PEUL não diferem significativamente dos dados apresentados no D&G. Assim, verificamos, para o *corpus* do D&G, que a variante -inho apresenta 85% de ocorrências enquanto que a incidência de uso aferida a -zinho é bem menor, na ordem de 15%. Logo, constatamos que o diminutivo -inho é a forma que apresenta o maior número de ocorrências em termos de tipo nos *corpora* em análise. Dito de outro modo, a variante -inho é o tipo mais produtivo dos *corpora*. No entanto, na tabela 22, o teste de produtividade revelou que o formativo -zinho apresenta maior frequência de tipo, na ordem de 65%,

TABELA 22
Frequência de tipo das formas diminutivas -inho / -zinho

| Tipos | N | % |
|--------|----|-----|
| -inho | 13 | 35 |
| -zinho | 24 | 65 |
| TOTAL | 37 | 100 |

Fonte: DADOS DA PESQUISA.



enquanto o diminutivo –inho concentra uma taxa de 35%. No nosso entender, acreditamos que esta disparidade de resultados se deve ao fato de o teste de produtividade aferir a potencialidade de uso de uma ou outra variante em determinados contextos e nem sempre coincide com o uso espontâneo da língua, atestado pelos dados do PEUL e do D&G. Neste sentido, a diferença atestada deve-se ao método de captação de dados que não foi semelhante nos dois instrumentos de pesquisa. Assim, concluímos que, das variantes em estudo, o morfema –inho é o tipo mais frequente e é também o mais produtivo no PB, com aproximadamente 76% de uso contra 24% aferido para a variante –zinho.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo principal avaliar a distribuição e o uso dos diminutivos –inho e –zinho no PB. Deste modo, foram apresentados os contextos de aplicação dos referidos sufixos diminutivos bem como a frequência de uso das formas –inho e –zinho.

Em relação à distribuição dos referidos sufixos diminutivos, com base nos *corpora* examinados, concluiu-se que a aplicação do diminutivo –zinho é

categorica em bases oxítonas, sejam elas monossilábicas ou dissilábicas. Contudo, observou-se que a forma –inho tende a selecionar palavras paroxítonas independente do número de sílabas da base. Notou-se ainda que o ambiente linguístico favorável ao uso do morfema –inho é formado por palavras terminadas em vogal enquanto a forma –zinho seleciona vocábulos acabados em consoante ou ditongo.

Nos *corpora* analisados, o fator escolaridade revelou que os informantes que utilizaram o diminutivo –inho nem sempre fizeram uso da forma –zinho na mesma proporção, vindo a confirmar que o morfema –inho é o tipo mais recorrente e produtivo na língua.

No teste de produtividade, o cruzamento entre as variáveis sexo e orientação sexual revelou uma possível influência na distribuição da(s) forma(s) diminutiva(s) –inho/–zinho. De um lado, verificou-se que há um predomínio da variante –zinho entre as mulheres que declararam ter um comportamento bissexual. Por outro lado, a maior incidência do diminutivo –inho ocorreu entre os homens que se consideraram homossexuais. Todavia, a limitação encontrada neste estudo foi a aferição da variável orientação sexual pelo fato





de o informante ter de autorizar por escrito a utilização de sua entrevista para fins de pesquisa, identificando-se ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Neste sentido, consideramos que seria necessário contarmos com um *corpus* mais abrangente e mais completo a fim de aumentar a acurácia dos resultados obtidos.

Seguindo os pressupostos da Fonologia de Uso (BYBEE, 2001),

realizou-se um levantamento estatístico da frequência de *token* e de *type* das formações X–inho e X–zinho a fim de aferirmos a produtividade das formas. Deste modo, constatou-se que o diminutivo –inho é o tipo mais frequente e o mais produtivo no PB, apresentando também uma frequência de *token* bem maior na língua do que o formativo –zinho.

THE DISTRIBUTION AND USE OF DIMINUTIVES –INHO AND –ZINHO IN BRAZILIAN PORTUGUESE: AN APPROACH BY THE PHONOLOGY OF USE

Abstract

The aim of this paper is to analyze the distribution and use of diminutive suffixes –inho and –zinho for Brazilian Portuguese speakers, aiming mainly to interface morphology / phonology, using the assumptions of the Phonology of Use.

Keywords: -Inho and -zinho suffixes; Word formation; Diminutive; Phonology of Use.

Artigo submetido para publicação em: 03-11-2012

Aceito em: 24-07-2014

REFERÊNCIAS:

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BISOL, L. *O Diminutivo e suas demandas*. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso), vol 26, p. 59-83, 2010.





BYBEE, J. L. **Morphology: A study of the relation between meaning and form.** Amsterdam: John Benjamins, 1985.

_____. **Regular Morphology and the Lexicon.** Language and Cognitive Processes, v.10, n.5, pp. 425-455, 1995.

_____. **The emergent lexicon.** Chicago Linguistic Society 42, pp. 1-435, 1998.

_____. **Phonology and language use.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. **The impact of use on representations: Grammar is usage and usage is Grammar.** LSA Presidential Address, 2005.

_____. **Frequency of use and organization of language.** Oxford: Oxford University Press, 2007.

_____. **Language, usage and cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CÂMARA, J.M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** São Paulo: Ed. Nacional, 1981.

CHESHIRE, J. **Sex and gender in variationist research.** In Chambers, Trudgill e Schilling-Estes (eds.), **Handbook of Language Variation and Change,** Oxford: Blackwell, pp. 423-443, 2005.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; GOMES, C. A. **Representações múltiplas e organização do componente linguístico.** Fórum linguístico (UFSC), Florianópolis – Santa Catarina, v.4, pp. 147-177, 2007.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

FOULKES, P. & DOCHERTY, G. **The social life of phonetics and phonology,** Journal of Phonetics 34, pp. 409-438, 2006.

FREIRE, J. F. **Reflexões sobre a Língua Portuguesa.** Lisboa: Typographia da Academia geral de Ciências de Lisboa, 1842.

GONÇALVES, C. A. V. **Flexão e derivação em português.** Rio de Janeiro: Setor de Publicações da Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.





LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**, volume I: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. **A dynamic usage-based model**. In Barlow and Kemmer (eds.), pp. 24-63, 2000.

LEE, S. **Morfologia e Fonologia Lexical do Português**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1995.

MACEDO, W. **Gramática de ouro da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

SKORGE, S. **Os sufixos diminutivos em português**. In Boletim de Filologia, tomo XVI e XVII, fascículos 3 e 4. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1957.

TAVARES, J.N.C. **O uso dos sufixos -inho e -zinho no discurso dos pescadores artesanais**. III Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Rio de Janeiro, 1999.